

–

Comecei dizendo que não gostava da ideia de ficar longe do mar, que o mar é, e me sempre foi, uma espécie de orientação: se estou perto do mar, estou perto de casa. Estou em casa. Confessei que já calculei inúmeras vezes por quanto tempo conseguiria viver em São Paulo, ou não viver. Morei 18 anos a menos de 1 km do mar, depois 9 a uns 10 km e há pouco tempo havia dado um jeito de ficar mais próxima do que imaginava da Baía de Guanabara. Fiz entender que Niterói tinha essa coisa meio provinciana, mas que ao mesmo tempo queria ser Rio – embora há quem diga que não, coincidentemente os mesmos que precisam ir ao Rio ao menos uma vez na semana. Contei que certa vez saí com um italiano que fazia mestrado em relações públicas e que, interessado pela questão Mercosul, viajou por quase toda a América Latina, escolhendo o Brasil como destino final. Esse mesmo italiano, já lamentando a inevitável despedida, havia me contado que apesar de ter viajado bastante, a sensação de chegar ao Rio pelo Santos Dumont era inacreditável; que o Rio podia até não ser a cidade mais bonita que ele visitou, mas que decerto era a mais bonita geograficamente falando. Desde então eu só consigo pensar na perda que é embarcar ou desembarcar no Galeão. Desde então eu me pergunto quais e quantas foram as pessoas que arrebatadas pela beleza-geograficamente-falando do Rio nunca mais retornaram às suas casas; que no momento do arrebate decidiram que viver próximas ao mar ou ao cristo era a coisa certa a se fazer, que é claro que era, quem discordaria? “Aqueles que nasceram longe/ do mar/ aqueles que nunca viram/ o mar /que ideia farão/ do ilimitado?/ que ideia farão/ do perigo?/ que ideia farão / de partir?”. Talvez os versos da Ana digam algo sobre isso, não sei; talvez ela mesma já tenha desembarcado muitas vezes no Santos Dumont com a ameaçadora ideia de ficar, apenas ficar, “até que a palavra morar faça sentido”, ela diria.

Ameacei contar ao meu-vizinho-por-50-minutos que a primeira coisa que eu prometi fazer quando tudo passasse, quando aquela coisa desastrosa de 2020 passasse, seria entrar no mar. Depois, cortar os cabelos decentemente; mas, primeiro, tomar um banho de mar.

Sabendo que há alguns silêncios que podem ser constrangedores, ele me contou que estava indo ver os filhos, que nunca ligou pro mar, apesar de fazer questão de que os *flats* e hotéis que fica hospedado tivessem vista para; que o mar o Caribe era o mais bonito que já tinha visto – embora, ao que tudo indicava, sequer tivesse estudado a ondulação das águas. Isso parece comum sair da boca das pessoas engravatadas, para quem tanto faz um painel projetado com uma vista paradisíaca, um papel de parede no *desktop* ou a visão real da coisa – o mar, em todo caso, é apenas um enfeite.

Seguindo os protocolos de uma conversa como esta – o que, em outras palavras, significa dizer: o que você faz da vida? –, eu tive que ouvir que devia ter escolhido outra profissão, que eu devia era fazer concurso, que um concurso sim ia me garantir alguma estabilidade, mas que eu, como era nova, ainda teria tempo de tentar ir morar fora, quem sabe.

Talvez mencionar o Mercosul lhe chamasse a atenção. Talvez mencionar um poema teria sido uma péssima ideia. Talvez lembrar que estamos num tempo em que os passageiros de viagens aéreas comparam dicas sobre como melhor evitar que seus vizinhos de assento iniciem conversas fortuitas tenha sido melhor.

Tento voltar ao livro. Penso em Barthes: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?”.

Sigo evitando conversas fortuitas, mas eis que:

– Já ouvi falar dessa autora. Ela é boa?

(Não à toa, sempre me dou ao direito de reservar os assentos da janela.)